

SECA E ENFEZAMENTO

Perdas com safrinha chegam a 60% no Sul de Minas

Engenheiro agrônomo apresenta panorama do milho safrinha em região de expansão da modalidade de cultivo



Pesquisador científico Carlos Roberto Justino

RB Comunicação

O engenheiro agrônomo Carlos Roberto Justino é um dos palestrantes convidados do Seminário Nacional de Milho Safrinha que será realizado em novembro deste ano em Assis-SP. Ele abordará sobre o tema “Novas Fronteiras para o milho safrinha: do inimaginável à realidade”.

Neste ano, as lavouras de milho safrinha vêm sofrendo muito com a seca e o complexo enfezamento. Muitas lavouras na região de atuação do pesquisador foram perdidas, com uma queda no potencial produtivo na ordem de 60%. “Apesar disso, de um modo geral, a cultura de safrinha está em expansão no Sul de Minas”, afirma o pesquisador.

A EXPANSÃO - Justino é consultor na área de pesquisa e desenvolvimento da AgroStar, no Sul de Minas Gerais. Antes mesmo de

trabalhar na área de sementes e milho da Dow AgroSciences, ele, enquanto produtor, já plantava ensaios para identificar os híbridos com maior adaptabilidade as condições ambientais da sua região, sempre alinhado com Casa da Agricultura de São Paulo e Instituto Agrônômico (IAC).

Na DowAgroSciences ele trabalhou dez anos na pesquisa e desenvolvimento de produto, onde pôde conhecer ambientes produtivos de São Paulo, um pouco do Triângulo Mineiro e do Sul de Minas. Sua área de pesquisa compreende basicamente sistema de produções. Na área de milho busca identificar os melhores cultivares e tratos culturais, bem como alguns produtos para ativar a planta, ou seja, levá-la a expressar maior potencial produtivo. Ele também trabalha outras culturas além milho como, por exemplo, com a ativação das plantas de café com alguns hormônios.

Em 2011 Justino fez a primeira palestra sobre milho safrinha no Sul de Minas. Em 2007, recém chegado de Assis, ele já tinha experiência com milho safrinha, mas, como o milho verão já era muito competitivo em sua região, a soja demorou a entrar, assim como o milho safrinha. “Começamos palestrando e indicando para produtor o que seria o sistema de produção da safrinha”, comenta.

Segundo o pesquisador, a safrinha do Sul de Minas começou diferente dos outros lugares. Nos municípios de São José da Bela Vista, São Joaquim da Barra, Guaíra, e Assis começou-se plantar safrinha sem nada de tecnologia, com pouca ou nenhuma adubação, sem a escolha de um híbrido adequado e sem esperar altas produtividades.

Já, no Sul de Minas, como se tinha um sistema de produção do milho verão muito tecnológico, com muita adubação, emprego de defensivos, a safrinha começou a ser plantada com um custo alto. “Aqui os produtores querem colocar uma quantidade alta de planta por hectare e aplicam mais adubo do que precisa”, conta o pesquisador justificando um intervalo de 10 anos nos ensaios do IAC.

Com a entrada de enfezamento e viroses de um modo geral, Justino começou a plantar os ensaios de safrinha e alguma coisa de verão, mais recentemente um pouco de silagem IAC e G12. Aos poucos os produtores começam a entender um pouco melhor estes sistemas de produção

adotados na região. “Hoje aqui na região acredito que estamos servindo de referência para produtores buscarem informação nesta área de safrinha”, observa.

Justino comenta que aprendeu a avaliar milho safrinha com os doutores do IAC em São Jose da Bela Vista -SP e que está contente por perceber que as recomendações que antes passavam batido por muitos produtores descrentes no sistema soja e milho safrinha, hoje, estão sendo consideradas. “Estou muito contente com esse trabalho e acredito que conhecimento científico é o que faz a diferença”, enfatiza.

Atualmente, o agrônomo monta ensaios para o desenvolvimento do milho safrinha na região central do Sul de Minas, incluindo Formiga, Alfemos, e Machado, sendo sua ideia expandi-los cada vez mais, sempre em parceria com o IAC. Ele quer voltar sua linha de pesquisa principalmente para a sustentabilidade, ou seja, no sentido de criar protocolos adequados para a utilização de produtos que levem a planta a uma reação mais espontânea e rápida na tolerância as doenças e pragas.

MANEJO BIOLÓGICO– De acordo com Justino, a grande causa do desequilíbrio ambiental evidenciado na presença de viroses é o uso excessivo de inseticidas e fungicidas. Ao pesquisar o efeito de substâncias que tenham efeito hormonal e produtos biológicos que combatam as doenças e pragas, o pesquisador busca contribuir para uma redução no uso de defensivos de um modo geral.

Segundo o agrônomo, mais difícil que fazer com que as plantas se tornem mais tolerantes aos estresses bióticos e abióticos da região e sejam mais responsivas em produtividade, é quebrar paradigmas; mudar conceitos pré-estabelecidos. Em áreas de café nas quais vem aplicando a metodologia de ativação e estimulando um manejo do solo com alguns produtos biológicos específicos, o resultado tem sido muito animador, já que a planta se alimenta pela raiz.